



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para
o Ensino de Geografia
Campina Grande – novembro/2016

A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV EM GEOGRAFIA.

Everton Gleydson Silva Mendonça
Universidade Estadual da Paraíba
everton_silva19@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho foi concebido durante o Estágio Supervisionado IV em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba e aborda a música como elemento didático na sala de aula. É notória a fragilidade encontrada pelos profissionais em formação na área de educação, no tocante a práticas de ensino que sejam eficientes e prazerosas para os alunos. Este trabalho tem como proposta principal a utilização da música como um recurso didático tornando as aulas mais dinâmicas e buscando práticas de ensino alternativas que facilitem o processo de ensino aprendizagem. Neste aspecto a utilização da música no ensino de Geografia se dá embasada na análise das composições e suas relações diretas e indiretas com as categorias geográficas, O desenvolvimento das atividades de estágio relacionando Geografia e a linguagem musical contribuiu assim para a construção de posicionamento crítico dos alunos a partir de elementos façam parte do seu cotidiano.

Palavras-chave: Música. Linguagens. Ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata das experiências vivenciadas no estágio supervisionado IV em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Raul Córdula, localizado na cidade de Campina Grande – PB, na turma do 1º A, do ensino médio. Neste estágio, desenvolvemos um projeto de ensino utilizando a música como elemento didático pedagógico nas aulas de Geografia. Durante este processo foram utilizados não só composições de artistas diversos, mas também paródias elaboradas para as aulas abordando os conteúdos programáticos definidos com antecedência com a professora supervisora de estágio. Os alunos foram conduzidos a leituras reflexivas dos assuntos contidos de forma objetiva e subjetiva nas composições,

levando a uma análise crítica e a um relacionamento com a realidade por eles vivenciadas.

A utilização da música neste projeto se deu pelo fato da relação com a Geografia, no qual de forma consciente, ou não, diversos artistas realizam manifestações geográficas nos mais diversos níveis de interação. Outro fato também se dá pela popularidade da música entre os alunos, que por vezes apenas analisavam o lado midiático e não as informações sociais e as críticas tratadas nas canções. As idades nestas turmas variavam entre os 16 à 18 anos, apesar disso os gostos por gêneros musicais variavam bastante dando ainda mais flexibilidade ao projeto. Durante as aulas, os alunos conseguiram identificar as categorias de análise geográfica e as relações humanas, nos mais complexos níveis de compreensão dentro das canções abordadas. Além disso, houve o estímulo à construção de um ser crítico que saiba analisar e posicionar-se mediante as mais diversas manifestações culturais tal como na música, entendendo as relações que esta tem com sua realidade.

As discussões a respeito das práticas de ensino desenvolvidas nas aulas, sejam do estágio ou para os profissionais que já desenvolvem a atividade docente, é necessário para a maior compreensão da problemática o embasamento com autores que tratem a temática de forma ampla e clara, neste trabalho serão trabalhados autores como FARIA que aborda muito bem a questão da música e sua aplicabilidade na aprendizagem, a autora PASSERINI no tocante as práticas desenvolvidas no estágio, mesma vertente que PIMENTA e LIMA que trabalham com a questão do estágio e docência a se considerar o trabalho pedagógico, mas sem o enfoque em determinada disciplina. Por fim, não menos importante CASTROGIOVANNI que desenvolve em seu trabalho o ensino de Geografia, isto é dando uma ênfase nas praticas de ensino ligado a Geografia enquanto disciplina escolar.

PRÁTICAS DE ENSINO EM GEOGRAFIA: A VIVÊNCIA NO ESTÁGIO.

O estágio quando compreendido no âmbito da vivência dentro do ambiente escolar, no caso da área de educação¹, neste caso específico na formação do professor

¹ Vale ressaltar que outras graduações também se utilizam deste dispositivo importante na formação dos graduandos.

de Geografia, o exercício da experiência docente é uma oportunidade de encarar a realidade que está por vir, entretanto, uma questão que geralmente permeia o estudante em formação é: como desenvolver práticas de ensino? Uma vez que constantemente deparamo-nos com dualidades do tipo “na prática é totalmente diferente”. Realmente, no ambiente acadêmico, as concepções que podemos construir nem sempre nos aproximam da real situação escolar.

Entretanto, a educação de uma forma geral necessita de uma compreensão global, pois não existe em si uma prática perfeita, elas são construções baseadas no atendimento de necessidades individuais e coletivas, levando em consideração as afirmativas acima. É perceptível que é necessário o desenvolvimento de meios para uma condução prazerosa no processo de ensino aprendizagem, fato esse que não significa dizer que as aulas expositivas serão extintas, ao contrário, será um processo de readequação e aperfeiçoamento das práticas de ensino-aprendizagem. Isto é, não podemos nos limitar apenas a um processo de imitação, como já foi exposto, é necessário um aperfeiçoamento principalmente no tocante a construção de uma análise crítica da realidade.

Quando tratamos do estágio supervisionado, devemos levar em consideração que esta disciplina acadêmica, é na verdade a oportunidade que os alunos da graduação, no caso dos futuros profissionais em educação de conhecerem o seu ambiente de trabalho. Entretanto inúmeras vezes um momento tão impar de vivencia pode ser simplificado a apenas a mera observação das aulas e práticas e a imitação de modelos pré-fabricados. Sobre isso afirma Pimenta e Lima:

O estágio, nessa perspectiva, reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamental teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa. Assim, a observação se limita à sala de aula, sem análise do contexto escolar, e espera-se do estagiário a elaboração e execução de “aulas-modelo” (2004, p. 36).

O estágio não pode ser reduzido somente à mera observação e reprodução do que é visto na sala de aula, as autoras deixam isso claro no fragmento acima, quando tratam da análise da realidade social, a qual é legitimada no próprio processo de ensino, é perceptível ao fim do fragmento uma crítica feita as práticas conservadoras de ensino

e de aplicação do estágio supervisionado, quando elas tratam da limitação que a simples observação de uma aula sem a devida análise pode provocar no estagiário. De modo que, o leve a buscar a preparação de “aulas-modelo”, isto é, uma padronização das aulas e atividades desenvolvidas no ambiente escolar, não levando em consideração o contexto escolar e os currículos ali empregados.

É necessário então buscar novos métodos de ensino que auxiliem na manutenção da dinâmica escolar, pois a preparação vivenciada no estágio é um ponto de integração entre a teoria e prática. Muitas vezes a realidade discutida dentro do ambiente acadêmico é um tanto diferente da observada no ambiente escolar esta dicotomia tem sido motivo de grande discussão dentre os estagiários e na academia, mediante isso Pimenta e Lima, afirmam:

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitem questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicáveis sempre provisórias da realidade (2004, p. 43).

O embasamento teórico é um elemento indispensável na construção de um futuro profissional da educação, as aplicações práticas destes conhecimentos adquiridos através das discussões realizadas dentro do universo acadêmico servem de base para a própria prática de ensino, pois as diferenças e questionamentos vivenciados durante a prática do estágio supervisionado servem de fundamentação para situações posteriores ocorridas realmente no desempenho profissional de professor.

No ensino da Geografia não é diferente, muitas vezes os alunos quando indagados sobre a ciência geográfica na escola a qualificam como “decoreba e enfadonha”. Porém, vale ressaltar que a própria Geografia enquanto ciência e componente curricular vem passando por diversas reformulações. Sendo assim, é necessário colocar em pauta a reflexão o papel da escola x sociedade, com isso o papel do professor atual é refletir sua prática, selecionar métodos de ensino eficazes que cada vez mais o façam ter independência quanto as suas práticas de ensino. Sobre isto, Castrogiovanni nos aponta:

O desafio a que se propõem estes professores é pensar a sua própria prática e exercitar a sua função docente para além do compromisso funcional a que se habilitam com a titulação de licenciados em geografia. E nos mostram que é possível fazer diferente da monotonia que se implantou nas escolas de um modo geral e da geografia particularmente (2007, p.8).

Este desafio é vivenciado ainda mais pelos estagiários, por não terem uma experiência maior no que se refere as práticas de ensino. Apesar disso, o preparo para o futuro desafio docente é galgado na aquisição de conhecimentos e de práticas pedagógicas, deste modo lapidando-nos e dando base e fundamentação para que sejamos melhores profissionais no futuro. Acreditamos que essa formação parte antes mesmo de iniciarmos nossa jornada de futuros professores, é um processo duradouro que conforme Passerini:

[...]inicia-se antes mesmo do curso de graduação, nas interações com os atores que fizeram e fazem parte de sua formação. E este processo sofre influência dos acontecimentos históricos, políticos, culturais, possibilitando novos modos de pensar e diferentes maneiras de agir perante a realidade que o professor está inserido (2007, p. 18).

Estes agentes são cruciais na formação individual e contínua de cada indivíduo. Partindo deste ponto, o estágio é mais uma fase na formação do profissional de educação, compete a ele a carga prática e teórica da vivência docente.

A MÚSICA COMO ELEMENTO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA.

Com base no exposto, neste tópico relataremos as experiências práticas do estágio supervisionado supracitado. Na aula inicial do estágio, foi apresentado aos alunos o projeto de ensino elaborado, no qual apontamos todas as características e elementos que seriam analisados no decorrer desse processo. Utilizando um violão, foram entoadas algumas canções do repertório popular brasileiro, de artistas regionais, visando justamente um recorte espacial mais próximo ao ambiente de vivência dos alunos. Foram identificadas nas canções elementos que apontavam para as categorias geográficas, na verdade, os alunos foram levados a um ambiente de investigação, esse

fato levou a sala ao êxtase, pois a partir deste momento foi possível perceber que realmente a música tinha muito mais Geografia, ou vice-versa, que eles pensavam.

Este foi momento de observação e de entendimento da turma, buscando brechas que fossem propícias para aproximação entre professor e alunos buscando entendê-los, e analisar, mesmo em parte, os posicionamentos de cada um. Foi perceptivo neste contato inicial que quase toda turma do 1º ano A, ficou muito interessada no conteúdo do projeto de ensino.

Inicialmente trabalhamos os aspectos geográficos presentes no conteúdo da música de Luiz Gonzaga “Asa Branca” em que foi realizado um trabalho de investigação, em busca dos elementos geográficos que fundamentavam a canção. A maioria dos alunos contribuiu também com outras composições das quais acreditavam também possuir forte influência. Foi percebido por um grupo de alunos a descrição extremamente detalhada das condições em que o fenômeno social da seca mexia com os indivíduos que estavam inseridos em tal realidade, como estávamos trabalhando com o conteúdo de dinâmicas climáticas, em especial mudanças climáticas tendo em vista as mudanças sofridas pela paisagem, foi apontado que tais mudanças poderiam ser provocadas pelas ações antrópicas. Após isso, iniciamos uma discussão levando em consideração a primeira categoria geográfica percebida pelos alunos, no caso a paisagem.

Na abordagem de tal conceito, foram dadas novas perspectivas do assunto, inclusive trabalhando os conceitos de fixos e fluxos, levando-os a compreensão de que a paisagem não é imutável, ou imóvel, muito pelo contrário, possui uma dinamicidade e multiplicidade própria essa heterogeneidade da paisagem fez com eles percebessem que a ação humana seria a principal causador das mudanças em tal categoria, que antes também estava em transformação, mas pela ação de outros agentes tais como a própria natureza.

Durante toda a experiência docente foi possível observar que utilização da música no ambiente de sala de aula, trazia certa tranquilidade na condução dos assuntos. Todas as músicas utilizadas no estágio foram executadas ao vivo com auxílio de um violão, o fato de ser feito na hora diante deles dava mais credibilidade, além disso, eles ficavam mais atentos, pois queriam escutar o que o professor iria tocar, e por muitas

vezes a turma auxiliou cantando, ou até mesmo com outras contribuições dentro da temática.

Essa facilidade de trabalhar a música dentro da sala vem pela flexibilidade e aplicabilidade, também pela história que a música percorreu durante todo o desenvolvimento da humanidade. Isso pode ser percebido quando Faria (2001), define a música como importante fator de aprendizagem, pois a criança desde as fases iniciais de vida já tem substancial contato com a música, mesmo que ainda dentro do ventre quando a mãe canta. Na verdade, quando trabalhada de forma efetiva desenvolve o raciocínio, a criatividade e a percepção dos fatos que o rodeiam para que possa inserir-se nesta realidade.

Outro fato que não deve ser descartado é a possibilidade de a música ser utilizada como recurso além de incluído no processo de ensino como um atrativo e criativo propiciando tanto a alunos quanto professores, uma redução na fadiga causada pelo processo de ensino muitas vezes desgastante, conforme nos afirma Faria:

A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação (2001, p. 24).

Essa socialização que a autora cita, faz com que a música vença esse lado, de ser apenas uma diversão ou atrativo, e dá aos alunos a condição de falar de acordo com os seus gostos musicais quem são e onde estão inseridos. No entanto, essa regra não se aplica sempre. No nosso caso específico, o ambiente de sala de aula nem sempre se mostrou silencioso ou com a disposição dos alunos em colaborar com a atividade mediada pela música.

Um argumento muito consistente que foi possível observar com relação a música é o poder desta de encantar as pessoas. Por exemplo, em uma aula sobre dinâmicas climáticas, foram abordadas diversas músicas que faziam referências diretas ou indiretas as questões climáticas. Muitas vezes as práticas de ensino tradicionais não estimulam os alunos a problematizar uma determinada situação, em nossa prática nos foi possível perceber por vezes por parte dos alunos uma fragilidade quando o quesito era discutir, tecer uma crítica ou reflexão sobre determinado assunto. No decorrer do projeto, os

alunos se mostraram mais receptivos a criar ou ao menos tentarem problematizar os temas da Geografia, as relações sociais que aconteciam nos seus bairros, casas e etc.

Outro ponto trabalhado foi o de vencer os estereótipos, a professora supervisora solicitou que fosse elaborada uma aula que tratasse o caráter regional das canções dando ênfase as categorias geográficas, foi discutido inicialmente o papel da mídia na construção da imagem histórica da região nordeste que muitas vezes a mostrava apenas o lado formado pela seca, fome e pobreza fortalecendo ainda mais o estereótipo que as outras regiões tem a nosso respeito, sendo esse conteúdo amplamente discutido em sala. Durante a execução da música “Asa Branca”, os alunos “vivenciaram” a história de uma grande seca vivida em um determinado período em nossa região, e disseram alguns, que a imagem do Nordeste que a mídia muitas vezes mostra é somente essa. Porém, quase que toda turma chegou ao consenso que o Nordeste não se resumia somente a seca, deste modo, foi pedido que eles apontassem composições musicais que fizessem referência a este outro lado do Nordeste que muitas vezes não é mostrado. Uma das composições salientadas foi “Paraíba Jóia Rara” composição do artista popular Tom Oliveira, abaixo um trecho:

Eu sou da Paraíba é meu esse lugar
A cara desse povo tem a minha cara
Encanto de beleza que me faz sonhar
Lugar tão lindo assim pra mim é joia rara.

OLIVEIRA, Tom. **É só alegria**. 2013.

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/ton-oliveira/paraiba-joia-rara/>

Discutimos com eles, durante a contextualização do assunto, a relação do artista com um lugar de sua origem. Foi observada então a propriedade que o compositor tem ao falar do seu lugar, que nos deu a oportunidade de discutir elementos como o sentimento de pertencimento que os indivíduos possuem com aquele lugar que chamam de seu. Ao longo da música é possível perceber um enfoque as qualidades do Nordeste, quebrando os estereótipos já conhecidos.

Trabalhamos também uma paródia da música de Luiz Gonzaga “Olha pra o céu meu amor”, tratando a respeito do tema poluição e mudanças climáticas. Após a música ser tocada, foram discutidos os aspectos relevantes do assunto no caso mudanças

climáticas, em seguida, houve a problematização dos conteúdos, onde os alunos buscaram apontar elementos os quais levaram a tal problema, buscando também maneiras e os agentes que provocam tais efeitos e formas de reverter este quadro. Abaixo um trecho da paródia:

Olha pra o céu, meu amor.
Vê como está poluído.
Note que até mudou de cor.
Está em tom escurecido.
Foi numa manhã igual a essa;
Em que eu mudei de opinião;
Parei de produzir, lixo beça;
E comecei a separação;
Fabricas laçam no ar,
Parte da poluição;
E pra história modificar;
É só começar a preservação.

Paródia baseada na música “Olha pra o céu meu amor” de Luiz Gonzaga.
Fonte: MENDONÇA, Everton Gleydson Silva.

Ao término da canção, foi iniciada a discussão. Alguns alunos apontaram diversos argumentos para que realmente se pudesse mudar o panorama destas tão severas ações humanas que tem devastado o meio ambiente. Foi discutido também as relações produzidas dentro do modo de produção capitalista, e a forma como a busca constante por novas fontes de renda tem devastado a natureza.

Trazendo o conteúdo para escala local, os alunos foram indagados se nos bairros onde moravam eles vivenciavam alguma situação de devastação do meio ambiente. Diversas observações foram realizadas desde lixões em plena cidade, até fábricas que lançam seus detritos em canais pluviais, entretanto, um aluno exemplificou que próximo a sua casa existe um rio que está totalmente poluído, mas que seus pais falavam que naquele mesmo local anos atrás, as águas eram limpas usado para lavar roupas e até se banhar. Cada momento que um aluno opinava outro aluno também contava suas experiências, sempre buscavam mostrar que também estavam inseridos na mesma realidade.

Na condição de estagiário foi possível compreender que apesar das adversidades vivenciadas no ambiente escolar e os anseios que praticamente todo profissional em formação vivencia, as experiências adquiridas são de essencial importância, seja na

construção de práticas de ensino ou na experiência pessoal. Pois, a realidade da escola pública, é na verdade o que também vivenciamos quando boa parte de nós estávamos no ensino básico.

Ao término da apresentação da música e início da ministração do conteúdo, foi visível que, mesmo após as canções serem entoadas e iniciar uma aula de certo modo comum, o nível de concentração dos alunos permanecia focado. No decorrer das aulas, foi perceptível que eles passavam a observar com mais atenção músicas em casa, identificando nestes elementos geográficos e acabavam trazendo para o debate na aula. Este fato foi enriquecedor, tornando a aprendizagem mais significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do Estágio Supervisionado IV em Geografia, foi possível constatar que a aprendizagem construída através da vivência no ambiente escolar, foi de efetiva necessidade. Um dos grandes desafios para os novos professores em formação e recém-formados são a instrumentalização de práticas de ensino realmente satisfatórias que consigam finalmente compreender além das limitações da instituição escolar, compreendendo as perspectivas do aluno com que está sendo formado.

Outro desafio enfrentado no estágio é romper com o antigo dilema de uma disciplina enfadonha e cansativa. Neste aspecto, a utilização da música como recurso didático se caracterizou como um diferencial, deixando evidente a afinidade dos alunos com a temática do projeto.

No que se refere ao desenvolvimento crítico dos alunos, estes passaram a enxergar a música como um elemento de representação social, e também passaram identificar a ciência geográfica em alguns de seus elementos nas composições musicais. Ao fim do estágio, consideramos que esta foi uma experiência muito edificante pelo fato de realmente oportunizar a vivência docente, oportunizando conhecer o cotidiano escolar e aperfeiçoar ou até mesmo desenvolver as práticas de ensino tão necessárias em todo o decorrer da carreira docente.

REFERÊNCIAS

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem.** Assis Chateaubriand, 2001. [Monografia de especialização].

PASSERINI, Gislaine Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL.** Londrina: UEL, 2007. [Dissertação de Mestrado].

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. *et al.* **Ensino da Geografia: caminhos e encantos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004.